

Título:  
**EDUCAÇÃO INCLUSIVA:**  
Desafios, IDEIA's e Boas Práticas

© 2018, Maria Dulce Gonçalves

Imagem da capa:  
Marta Duarte

Capa:  
JC

Edição:



Paginação:  
[www.conceitos4all.net](http://www.conceitos4all.net)

Impressão e acabamento:  
Várzea da Rainha Impressores, SA

Estrada Nacional 8, n.º 6  
2510-082 Óbidos

ISBN: 978-989-691-772-2  
Depósito Legal: 444742/18

Outubro de 2018

## Índice

PRÓLOGO	9
<i>Evoluir para uma Nova Era na Educação</i>	
O QUE MUDA...?	27
<i>Uma leitura da nova Lei de Educação Inclusiva na perspetiva do Projeto IDEA</i>	
O QUE NÃO MUDA...?	121
<i>Limites, realidades e riscos</i>	
O QUE PODE MUDAR...?	133
<i>Objetivos, possibilidades e desafios</i>	
POSFÁCIO	149
<i>Um futuro a construir</i>	
<i>E algumas notas finais...</i>	153
Referências e sugestões de leitura	155
Sobre a autora	157
Projeto IDEA – sugestões e contactos	159

## PRÓLOGO

### *Evoluir para uma Nova Era na Educação (NEE)*

Verão, é verão outra vez. Tempo de férias. Em finais de Julho nem sequer está muito calor, mas nas ruas de Lisboa já se nota que o País partiu para parte incerta. Respira-se de outro modo, parece dilatar-se o tempo. Durante uns dias, durante umas semanas, mudam-se os ritmos e as rotinas. Sonha-se mais longe, olha-se o mar, sopram outros ventos...

Daqui a uns dias estarei de regresso a Porto Covo. Saudades da ilha, do sol, do cheiro a mar, das ruas caiadas. Desta vez não fico em casa, não me perco das férias nem me esqueço de parar. Vou mudar. Mudar de ares e respirar ares de mudança. Mudança que anda no ar, anunciada, já legislada, eminente. Verão quente. Dizia-se no verão quente de abril de 74 que a Revolução estava na rua. Agora, neste verão ameno, a (r)Evolução está aqui, no seio da comunidade educativa, a abrir ruas e caminhos, oportunidades e desafios.

Mui decidida estou a levar o computador na bagagem, para finalmente mergulhar na avalanche legislativa das últimas semanas. Por incrível que possa parecer, é em férias que nos chega o tempo para estudar e ler, ler e reler, repensar e contrapor... Nova lei da Educação Inclusiva, nova legislação sobre flexibilidade curricular e diferenciação pedagógica. Preciso, preciso mesmo de me sentar e parar, ler devagar.

Tentar perceber o que muda, o que não muda, o que pode mudar... tentar perceber o que sei, o que não sei, o que posso partilhar que ajude a mudar. Por isso levo a toalha e o computador na bagagem, blocos escritos e rabiscados, lápis e canetas e muita vontade de me perder a pensar...

Escrever ajuda muito a pensar. Pensar ajuda muito a escrever, a questionar, a equacionar. Vamos ver o que consigo alinhar, onde me leva o engenho e a arte, com algum tempero de sal, vindo do lado do mar...

Não parecem nada insípidas nem insonsas estas novas leis. Antes pelo contrário. Muito receio que, de tão bem condimentadas, bem embebidas de valores, bons princípios e excelente fundamento científico, façam subir a tensão a alguns, e os temores a outros. Esperam-se alergias e urticárias, respostas inflamatórias ou talvez alguma febre de tudo mudar, nada mudando.

Desenganem-se, não me apetece agoirar nem denegrir. Mas a realidade é que sabemos todos muito bem que não basta legislar. Legislar é delimitar. Criar contexto. Definir espaços e tempos, condições, algumas regras e limites. Mas é sempre passível de múltiplas interpretações, de múltiplas soluções. Portugal tem tido excelentes documentos legais. Pelo menos em todos os domínios em que tenho trabalhado, seguramente que sim. Sem dúvida. Mas da lei à concretização da lei, vai por vezes uma enorme distância.

Quando em 1986 iniciei a minha carreira numa instituição educativa enquadrada no Ministério da Justiça, as medidas que o Tribunal aplicava aos menores regiam-se pela OTM, Organização Tutelar de Menores, onde constavam mais de uma dezena de medidas educativas, reeducativas, de intervenção e

Hoje, Século XXI, temos agora uma nova lei da Autonomia e da Flexibilidade Curricular. Publicada em Julho de 2018, assumidamente irmanada com a já referida Lei de Educação Inclusiva, vai mais longe e estende realmente a TODOS a possibilidade de diversificar e flexibilizar o currículo. A todos os alunos, a todos os professores, a todas as escolas, a todos os contextos. Não é preciso ser diagnosticado como diferente, deficiente ou estar sequer em dificuldade, para poder (e dever!) beneficiar de algo diferente, mais flexível ou melhor adaptado... Agora, ano de 2018, diferentes documentos (legislativos ou orientadores) consagram finalmente que TODOS SOMOS DIFERENTES. E que todos aprendemos de diferentes modos. Agora, ano de 2018, exige-se de novo uma evolução estrutural e pedagógica no sentido da evolução dos conceitos científicos, das melhores práticas e recomendações internacionais, com base na experiência no terreno (por exemplo, de “escolas farol”), de acordo com vários documentos entretanto publicados, tais como o Perfil do Aluno para o Século XXI ou a definição de Aprendizagens Essenciais. Consagra-se que cabe a cada contexto, a cada escola, a cada professor, adaptar-se e flexibilizar o desenvolvimento curricular, não para facilitar ou diminuir o esforço de ninguém, antes para promover mais e melhor aprendizagem, para todos. Para ajudar todos e cada um, a evoluir ao seu próprio ritmo, mas também a conseguir cada vez mais, cada vez mais longe. Mesmo que cada um ao seu próprio ritmo.

Em 1991, consagravam-se adaptações que permitissem integrar e promover a aprendizagem a todos os que precisassem de algo de diferente para aprender lado a lado com todos os outros (não necessariamente como todos os outros). Respeitavam-se diferentes possibilidades de adaptação e

O direito (e o dever) a uma escolaridade obrigatória, serena, digna e segura, prolongada e eficiente, promotora de um futuro maior. É isso que encontro na Nova Lei da Educação Inclusiva. É isso o que nos exige uma Nova Era na Educação. Mas para que tudo isto aconteça, não basta criticar os pais como quem critica “*os outros*”. Pais somos afinal todos nós.

Como mãe, como avó, senti muitas vezes na pele o peso das imperfeições da minha filha, das minhas imperfeições, das incompreensões do sistema, das advertências, dos comentários críticos e jocosos, das punições não verbais e não assumidas. Tantas vezes senti que era eu a culpada, a incompetente, a insuficiente! Tantas vezes me senti olhada, discriminada. Tantas vezes me apeteceu simplesmente sair dali, fugir, não ir. Desistir.

E agora?

Será que estamos disponíveis para (re)pensar soluções simples que nos ajudem a mudar o envolvimento parental...? Finalmente de forma explícita...? Como vamos (na prática) ajudar os pais a entender e a construir (na prática) o que os novos documentos permitem, sugerem, abrem...? Será que já tentámos perceber (e antecipar) a mudança conceptual, a (r)evolução mental que se adivinha...?

Ou vamos apenas deixar que o medo guarde a vinha, que o pânico se instale e a incompreensão domine...? Presentes nas reuniões, à porta da escola ou em casa, os pais, os avós, as famílias, todos são parte do sistema e fazem a diferença. O que dizem, o que comentam, o que os aflige ou o que os contenta. Muito depende do que pensam, do que esperam, do que temem. Os exames, as notas, os anos escolares, os manuais, o currículo único, o centro de estudos, por pior que sejam, tudo isso já lhes é familiar, previsível, rotina, dia-a-dia.

Mas, e agora...?

Que significado tem, para os especialistas e para o cidadão comum, o conceito de Educação Inclusiva? Ou de diversidade, flexibilidade e autonomia curricular...?

Como vamos promover e facilitar esta evolução, mostrar que há possibilidade (e necessidade) de evoluir, que é urgente encontrar novos pressupostos para a Educação (não) Especial? Que já não se trata de diagnosticar e atestar as limitações comprovadas de alguns alunos com deficiência, nem sequer de garantir apoios e adaptações para alunos com *necessidades educativas especiais, dificuldades continuadas por limitações significativas de carácter permanente...*? Que esses alunos (como todos os alunos) evoluem mais e melhor quando se flexibiliza e diferencia...? Que não se trata nem de facilitar, nem de tudo permitir...? Que estamos realmente a inovar, a descobrir e a construir uma nova escola, uma Nova Era na Educação (NEE), com base no que se investiga e melhores resultados produz. Com base em tudo o que já se sabe hoje, sobre o que melhor prepara e estimula: o Cérebro, a Pessoa, o Futuro.

Metáforas, mnemónicas, boas histórias e algum humor, também ajudam a entender e a aprender. Desde há alguns anos que tenho vindo a sugerir que NEE deixe de corresponder às iniciais da já tradicional expressão *Necessidades Educativas Especiais*, para lhe descobrirmos agora um novo significado: **Nova Era na Educação**. Porque se precisamos de nomes, e todos precisamos de designações e nomes, pois então que sejam nomes e designações que nos ajudem a melhor entender, a melhor comunicar, a melhor fazer, e sobretudo, a melhor conceber.

## O QUE MUDA...?

*Uma leitura da nova lei de Educação Inclusiva*

*na perspectiva do Projeto IDEA*

Hoje de manhã, na rede social *Facebook*, encontrei o seguinte comentário de uma colega:

*“Já várias pessoas me perguntaram como é que se chama agora a um aluno com NEE. Eu respondo que se chama ALUNO.”*

Tão simples, ou não será...?

Eu, que por aqui ando entre o mar e o pedaço de relva junto à piscina, onde o meu neto anda a sentir pela primeira vez o que são férias e mergulhos, eu que tenho por estes dias muito mais tempo para redes sociais e comentários de colegas, dei por mim a esboçar um preocupado sorriso. Tão simples e fácil de perceber. Tão simples e fácil de responder. E, no entanto...

No início deste livro, no lugar em que costumo colocar uma frase inspiradora que sintetize uma ideia nuclear a todo o livro, escolhi destacar um excerto do Prefácio do mui recentemente publicado “Manual para uma Educação Inclusiva” (DGE, 2018). Trata-se de parte do último parágrafo, onde, pela pena do nosso Secretário de Estado da Educação, seguramente um dos grandes “culpados” desta (r)evolução em curso, se diz tão simplesmente:

*“...uma escola que corrige assimetrias e que desenvolve ao máximo o potencial de cada aluno...”*



Tão simples, ou não será...?

Simple porque todos lemos o que está escrito, parece claro e fácil de entender. Complexo, porque muda tanto, quase tudo.

Ora vejamos:

Temos tido uma escola concentrada num único currículo, num único calendário escolar, num único e uniforme processo de avaliação. Quase sempre, verdade seja dita, num único método, nos mesmos manuais e nos mesmos materiais<sup>2</sup>. Uma escola organizada por disciplinas, anos, turmas, ritmos bem definidos. Quando no Projeto IDEA saímos da capital para andar por aí a observar alunos do primeiro ano, é quase sempre muito curioso perceber como realmente “a máquina está bem oleada”. No mesmo mês, ou até na mesma semana, os meninos estão quase todos na mesma letra. Como se uma rede invisível os levasse a todos no mesmo voo, no mesmo vento, qual bando perfeitamente sintonizado.

Entenda-se, estão quase todos a aprender a mesma letra. Uns a tentar, outros a conseguir. Mas quase todos na mesma letra, nas várias escolas por onde passamos. Porque assim é, assim se combina: a mesma ordem, o mesmo tipo de manual, o mesmo ritmo. Música tocada pela mesma pauta, sem direito a grandes voos nem a improvisos. É assim. Uma ordem, um manual e um ritmo que todos os bons professores se esforçam muito por cumprir, é essencial não descurar o calendário escolar nem o currículo (denso!) que não permite atrasos, nem que se perca tempo. É essencial cumprir o programa e preparar todos, para estarem (o mais possível) prontos ao mesmo tempo.

---

<sup>2</sup> Eu sei, estou a ser tão injusta para tantos professores, tantas escolas, que tanto e tão bem se esforçam por inovar e renovar. Bem hajam. Tanto tenho aprendido com tantos. Mas, se me permitem, neste momento olho o todo, falo genericamente do que me parece ser senso comum, de tudo o que por demais fazemos e pensamos. Sem olhar a divergências, digamos assim.

## Uma perspetiva de futuro

Cada pai, cada família, quer sempre o melhor para os seus. E da escola espera que prepare o futuro e o sucesso. Garantia de competência, segurança de que estarão bem preparados para o futuro. E a realidade? A realidade é que temos insistido numa escola mais do que perfeita (mais do que pretérita...?), quase sempre muito bem embrulhada numa enorme (des)ilusão. Acreditamos que serve este sistema, assim normalizado e formato, ao que precisam os nossos filhos para serem maiores amanhã? Maiores, melhores, preparados para ser...

Esta ilusão de que estarão mais protegidos, melhor preparados, por saberem um pouco de tudo, de quase tudo (o que é cada vez mais, de quase nada), tudo muito bem ditado, sublinhado, copiado, muito bem sabido e muito bem treinado, tão e tanto quanto melhor estiverem a ser tão bem ensinados... Ensinados todos ao mesmo tempo, avaliados todos da mesma maneira, classificados todos pelos mesmos critérios. Para serem todos ordenados de forma justa, muito cuidadosa e criteriosa, pelos seus merecidos créditos, pelo seu dedicado trabalho... Para acederem por mérito próprio e qualidade comprovada, ao sucesso que merecem. Que cada um merecer. Um sucesso que cada um prepara para si mesmo, com imenso esforço, com disciplina e muita contenção. Lutar por resultados impecáveis. Ser um dos melhores. Entre os melhores.

Esta ilusão de que serão felizes depois, e que para ser feliz depois, é necessário não ser feliz agora, anos a fio, abdicar e aceitar não ter nem tempo, nem gosto, nem escolha; nada poder fazer a não ser o que é preciso fazer... para um dia ser feliz.

Esta ilusão de que não serão despedidos ou dispensados na primeira crise económica todos os que muito souberem, muito

Ao contrário de tantas outras mudanças legislativas e curriculares, esta (r)evolução em curso, não é para se fazer depressa nem à pressa, não se impõe por decreto, não se constrói sem cooperação, colaboração e contexto. Sente-se claramente que as direções de agrupamento e os professores estão a dar o seu melhor para fazerem o que fazem sempre: depressa e o melhor possível. Montar o sistema, ter tudo a funcionar no início do ano letivo. Mas depressa e bem, é outra coisa. Sentimos todos uma enorme pressão. Os resultados escolares, as taxas de insucesso persistem elevadas, a qualidade e a qualificação continuam aquém do desejado. É urgente mudar, aprender a fazer melhor e diferente. Publicados todos (e tantos) os documentos estruturantes, tudo parece sob pressão, demasiado apressado. Como formar os técnicos, os professores, as equipas multidisciplinares, como se pode ter tudo pronto...? Queixam-se disso. Criticam a tutela pela precipitação e algumas vozes políticas têm sugerido que tudo se suspenda até que tudo esteja preparado. Pronto.

Estar pronto. Quando é que estamos prontos? Conhecem o conceito de prontidão para aprender...? Quando está pronta a criança...? Provavelmente já ouviram a algumas delas, crianças prestes a entrar no primeiro ano, dizer que não querem ir à escola porque ainda não sabem ler nem escrever. Porque ainda não estão preparadas para fazer o que lhes vai ser pedido. Ou seja, ingenuamente acreditam, que primeiro se aprende e depois se vai à escola.

Somos todos um pouco assim. Estamos prontos para ser pais e mães antes de o sermos...? Para casar, antes de casar...? Para amar, antes de amar...?

Que se entenda que isto é um movimento, um processo, nacional (e internacional), que não se sabendo tudo, isso não nos pode levar a não fazer nada. Os alunos estão primeiro, as dificuldades vão ser todas as que já eram, mais umas quantas. Como sempre. Não são elas que mudam, somos nós. Somos nós que vamos ter de (re)pensar e fazer diferente, aprender com isso, com os erros e com os acertos, e recomeçar. Como vamos ter de fazer com todas as dificuldades que inevitavelmente forem surgindo, tal como fazemos com os bifés: sabemos que é impossível comer um bife inteiro, de uma vez só; temos de o partir aos bocadinhos, e depois ir mastigando e resolvendo um bocadinho de cada vez<sup>11</sup>.

Estou aqui a escrever precisamente porque me parece ser essa a IDEA: investigar e intervir de outro modo no domínio das dificuldades, não para as diagnosticar e classificar, referir e reportar. Não para as esquecer nem para as ignorar. Antes para promover uma contínua e monitorizada evolução na aprendizagem. A meu ver, este novo contexto legislativo não só coloca as dificuldades na aprendizagem numa nova perspetiva, muito mais próxima ao que sempre sugerimos no Projeto IDEA (Investigamos Dificuldades para promover a Evolução na Aprendizagem), como coloca as instituições e os agentes educativos perante novas dificuldades, decorrentes precisamente dessa nova perspetiva: o que fazer e como fazer...

Coloca-nos a todos perante as nossas próprias dificuldades. Dificuldades na aprendizagem de novas formas de agir perante dificuldades. E sendo assim, sabendo que é difícil, que vão surgir dificuldades neste processo, que faremos...?

---

<sup>11</sup> Na LISPSI, um dia, há uns anos atrás, uma criança saiu-se com esta IDEA. Explicou-nos precisamente assim, que as dificuldades são como os bifés. Pareceu-nos ser uma grande ideia, e eu nunca mais me esqueci.

## **(Des)necessidade de um diagnóstico...**

Desde os anos 60, meados do Século XX, quando se começou a perceber que estando todos na escola, alguns pareciam aprender com maior dificuldade, que nos centramos no diagnóstico. Ter ou não ter um distúrbio de aprendizagem. Essa é a questão. Ser (e aprender) como todos os outros, ou ser diferente. Ter ou não ter necessidades educativas especiais. Ser ou não ser elegível para apoios, para ensino ou educação especial. Havendo um distúrbio ou dificuldade específica diagnosticada, é uma coisa, não havendo, é outra.

De uma forma ou de outra, pelo mundo fora, tem sido assim ao longo do tempo. Demos cerca de cinquenta anos de prioridade ao diagnóstico. Ou seja, à investigação, publicação e divulgação, de sistemas de categorização de perturbações e distúrbios de aprendizagem, para neles basear todos os diagnósticos. Investimos quase sempre muito mais (tempo e dinheiro) em avaliação e diagnóstico, do que em estimulação, bons materiais e procedimentos de intervenção. Mesmo assim, na prática, os instrumentos psicométricos adequados para efeitos de diagnóstico, continuam a ser quase nenhuns, em todo o mundo, mas sobretudo em Portugal. O que se compreende facilmente, porque é muito mais fácil (e menos dispendioso) propor uma lista de nomes e categorias, do que obter critérios, instrumentos, dados e valores estatísticos normalizados, em que se fundamente e determine um diagnóstico. Sobretudo quando se trata de analisar dificuldades que podem ocorrer ao longo de doze anos de escolaridade, em múltiplas áreas e domínios curriculares. E como se diagnosticam problemas interpessoais, sociais, emocionais, comportamentais...?

## **Gestão pela qualidade numa abordagem multinível**

Desenganam-se todos os que acham que uma abordagem multinível é uma nova forma de trabalhar com alunos em dificuldade, com dificuldades na aprendizagem, distúrbios ou perturbações específicas. Todos os que pensam que se trata de uma nova forma de lidar com necessidades educativas especiais, com elevadas taxas de insucesso escolar, de diminuir o número de retenções ou mesmo de prevenir a exclusão social. Esqueçam a ideia de que se trata simplesmente de agrupar e colocar alunos de uma outra forma, com novas designações, consoante o grau de deficiência ou de risco em que se encontram. Desenganam-se todos os que acham que se trata apenas de mais uma solução de continuidade, uma evolução discreta, uma mudança quase impercetível. Desenganam-se os que olham este decreto (54/2018) como mais uma lei, uma nova lei com novas regras, para a educação (ou ensino) especial.

Pode até ser que seja uma destas abordagens a imperar neste ou naquele agrupamento, mas isso será seguramente *perder o melhor da festa*. E adulterar os princípios não só da abordagem multinível, como da própria Educação Inclusiva.

Não se trata de retirar apoios ou de reavaliar alunos, de mudar nomes ou de alterar documentos. Não se trata sequer de decidir que medidas universais, seletivas ou adicionais hão de ser, nem tão pouco de definir quem fica com estes ou com aqueles alunos, de quem é a responsabilidade de apoiar mais estes ou antes aqueles. Nem vale a pena queixarem-se de que nos falta tempo e formação porque ninguém nos vai dizer como é que isto se faz aqui. Não é um modelo, não é um novo formato, não é uma moda nem um novo figurino. Não nos chega pré-fabricado, nem superiormente determinado.

Uma abordagem multinível surge essencialmente como uma forma de *abordar* a realidade escolar... uma proposta numa nova perspectiva, aberta a novas perspectivas. Convida a observar, avaliar, equacionar, reconceptualizar e reorganizar todo o sistema: a escola, a turma, a relação do professor e do aluno com o currículo e com a avaliação, o tempo de cada aprendizagem, a relação com a comunidade, o desenho da estrutura escolar. Surge como desafio e oportunidade para repensar tudo. Para operacionalizar questões e dificuldades, problemas e omissões, necessidades funcionais e desafios urgentes.

Uma abordagem multinível é uma proposta de gestão pela qualidade, uma proposta de autorregulação de cada escola (ou de cada agrupamento de escolas) enquanto organização em permanente aprendizagem. Parte sempre de estratégias de auto-observação e de autoconhecimento, de uma mui cuidadosa monitorização e definição de necessidades. Em função dos objetivos definidos. Parte sempre de uma identificação e definição operacional de problemas, para a descoberta de soluções e de propostas alternativas. É uma abordagem que permite fazer evoluir a própria organização, a escola como um sistema, em função das necessidades e das dificuldades do grupo, do currículo, da comunidade educativa. Por isso, costumo dizer que não existe UMA (única e inequívoca) abordagem multinível, antes múltiplas abordagens multinível. Todas as que forem sendo desenvolvidas, com variações sociais, culturais, éticas, organizacionais e legislativas. Não é na Finlândia como nos Estados Unidos. Nem mesmo acontece neste estado como naquele outro, nesta escola como em qualquer outra. Não é algo que se aplique ou replique; requer tempo e aprendizagem, escolhas e poder de decisão, liderança.

## O QUE PODE MUDAR...?

### *Objetivos, possibilidades e desafios*

Para a maioria dos psicólogos e professores em exercício, todo o trabalho foi desde sempre estruturado numa mesma lógica. Um currículo único, a cumprir por todos de forma igual e sem desvios. Bons alunos e alunos normais a seguirem um mesmo trilho, a aprenderem da mesma forma. E os outros, os alunos com dificuldades, sempre em atraso, sempre desfasados, sempre prejudicados e a prejudicar a evolução de todos. O encaminhamento para avaliação psicológica especializada, o aguardar dos resultados dessa avaliação e as situações a agravarem-se naturalmente, drasticamente. Sentindo que é normal que uns aprendam melhor do que outros, que uns consigam e outros não. A crença numa docência centrada num aluno médio, mediano, um aluno que acompanha o currículo e aprende sem dificuldade. E os outros...

Nos últimos 50 anos, tentámos identificar alunos com e sem dificuldades de aprendizagem, gerámos múltiplas formas de classificação e diagnóstico, diferenciando entre uns e outros. O trabalho dos Serviços de Psicologia centrou-se em avaliações e relatórios, num esforço de identificar alunos elegíveis e não elegíveis para apoio, para inserção em Educação Especial.

Psicólogos fechados em gabinete a observar alunos referenciados pelos professores, cerca de 4 a 6 horas de observação e avaliação por aluno, listas de espera imensas de alunos a avaliar...

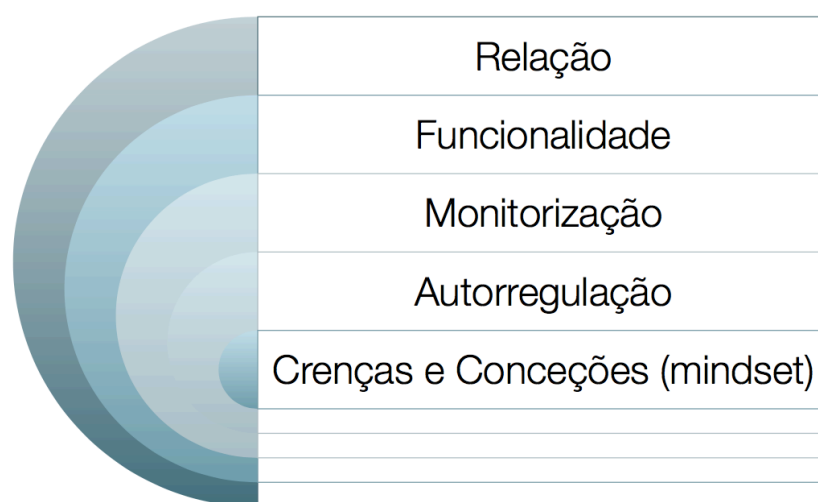


## Possibilidades e Desafios

Enunciam-se neste capítulo algumas possibilidades, e alguns desafios para um aprofundamento de uma Educação Inclusiva, com base em dados de investigação e modelos da Psicologia da Educação, no âmbito do projeto IDEA.

### Cinco fatores de sucesso na aprendizagem

Construir uma Educação Inclusiva é construir um contexto, uma comunidade de aprendizagem, que optimize as condições de sucesso, de mais e melhor sucesso para todos os alunos. O Princípio da Equidade, todas as crianças têm capacidade de aprendizagem, de desenvolvimento e evolução na aprendizagem, só se verifica se forem criadas as condições adequadas. Nesse sentido, sugiro a criação hierárquica e sucessiva de cinco níveis inclusivos de promoção do sucesso.



Num primeiro nível, um contexto de boas relações. Aprendizagens bem-sucedidas ocorrem num contexto de boas relações, com os outros e consigo mesmo. Sabemos como a qualidade na relação com um professor pode ter efeitos extraordinários. Numa intervenção psicológica, os resultados

## Sete dificuldades para uma avaliação funcional

Numa perspectiva funcional (análise das dificuldades no seu modo de funcionamento, do modo de adaptação do aluno às situações e processos de aprendizagem), as dificuldades (e não os alunos) podem ser analisadas de forma compreensiva, para entender e relacionar com o contexto, com pensamentos, emoções e motivações, para identificar domínios a estimular:

### *Dificuldades por evitamento:*

*o aluno antecipa uma dificuldade e antes mesmo de tentar aprender, faz tudo o que pode para não abordar a tarefa, para não enfrentar o problema, desiste antes de começar, perde por “falta de comparência”. Na prática, pode desculpar-se por cansaço, fome ou sono, pode desvalorizar a tarefa ou a sua competência. Dizer “eu não consigo” ou “isto não é para mim, isto não tem nada a ver comigo”, são algumas das autoverbalizações mais frequentes. Nos casos mais graves pode traduzir-se num alheamento mais ou menos generalizado, perda de interesse, apatia e isolamento.*

### *Dificuldades por dispersão (ou procrastinação):*

*o aluno envolve-se em demasiadas tarefas ao mesmo tempo, entusiasma-se com tudo e mais alguma coisa ou não perde pitada do que vai acontecendo à sua volta. Distrai-se, interrompe, adia. De uma forma ou de outra, não evolui na aprendizagem, perdido em demasiadas alternativas. Pode até ocorrer por entusiasmo e excesso de motivação em relação aos objetivos, múltiplos objetivos em simultâneo... Mas por tanto querer, tanto se envolver, tudo quer e nada concretiza ou termina.*

### *Dificuldades por impulso (ou precipitação):*

*o aluno responde sem pensar ou analisar a questão, o objetivo, o problema. Responde depressa e nem sempre bem. Parece acreditar que é rapidez o que se pretende, ou tenta terminar muito depressa apenas para se libertar da tarefa. Termina muitas vezes primeiro que os irmãos ou os colegas, gosta de se sentir vitorioso e em primeiro lugar. Mas uma vez terminando, não mostra disponibilidade para continuar a trabalhar e a aprender. Diz com muita frequência: “já está, já terminei” sem ter sequer terminado, relido ou revisto.*

## Desenvolver novos materiais

No Projeto IDEA estamos continuamente a desenvolver ideias para novos materiais. Convidamos todos os nossos parceiros, de todas as idades a fazerem o mesmo connosco e nos seus próprios contextos... porque é divertido, porque ajuda a aprender, porque ajuda a incluir tudo e todos...

Nestas férias, um destes dias, criei no *Facebook* este desafio a partir desta carta:



*O Projeto IDEA vai propor um novo desafio. A partir desta carta, uma das Cartas Bolota, vamos desafiar todos a escrever um texto pequenino, criativo, fantástico e muito sugestivo. Que inclua as palavras: DIFICULDADE, IDELA e TODO (ou todos). Estas três e mais umas quantas... Num máximo de 54 ou 55 palavras...*

*(porquê 54 ou 55, alguém adivinha...?)*

Quer o leitor experimentar também antes de continuar? Quer depois experimentar o mesmo desafio com outras pessoas, com esta ou outra carta... Ou prefere saber já o que aconteceu... curiosamente foi o menos concorrido de todos os nossos desafios, a escrita criativa não é o que mais mobiliza...

Eis as respostas, a diversidade de respostas...

## Sobre a autora



Maria Dulce Gonçalves  
Doutoramento em Psicologia da Educação pela Universidade de  
Lisboa  
Coordenação Projeto IDEA  
Faculdade de Psicologia - Universidade de Lisboa  
LISBOA

Nasceu em 1961 e reside em Almada. Exerce desde 1987 como docente na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, onde concluiu Doutoramento em Psicologia da Educação em 2003. Lecionou nas Licenciaturas de Psicologia e de Ciências da Educação, em múltiplos cursos de Formação de Professores. Nos últimos dez anos tem vindo a exercer no Mestrado Integrado e no Programa de Doutoramento da Secção de Psicologia da Educação e da Orientação. Investiga e leciona no domínio das Conceções, Dificuldades na Aprendizagem e Aconselhamento Educacional. Coordenadora Científica da LISPSI desde 1997, integra uma equipa multidisciplinar que exerce no domínio de Psicologia Clínica e Educacional. No domínio das Dificuldades na Aprendizagem e da Avaliação Funcional, criou o Projeto IDEA (Investigação de Dificuldades para a Evolução na Aprendizagem) que conta com uma rede de Psicólogos associados, com quem tem vindo a desenvolver novos conceitos, procedimentos e materiais de estimulação no domínio da leitura e da escrita. O Projeto colabora com autarquias e agrupamentos de escolas na zona da Grande Lisboa, Estremadura, Ribatejo e Alto Alentejo.

O Projeto IDEA tem como objetivo a investigação e o desenvolvimento educacional no domínio das dificuldades na aprendizagem, sob coordenação da Prof<sup>a</sup>. Maria Dulce Gonçalves, com o apoio da Universidade de Lisboa, do Centro LISPSI e da Conceitos4all.

Os Encontros, Seminários, Cursos, Livros e materiais IDEA visam a divulgação e a partilha do trabalho desenvolvido por toda a Equipa. Além disso, estas atividades e recursos são a única forma de financiamento deste Projeto. Sempre que o leitor adquire, participa ou divulga, está a contribuir para nos tornar mais fortes, funcionais e abrangentes.

Todas estas modalidades de formação e divulgação podem ocorrer na sua escola, no seu agrupamento ou em parceria com a sua autarquia, com diferentes formatos e diferentes programas, que se articulem com os vossos objetivos e necessidades específicas.

Proponha, sugira, pergunte.  
Não hesite em contactar-nos.

Para continuar a acompanhar o Projeto IDEA consulte:

<http://idea.conceitos4all.net/IDEA/>

ou

[www.lispsi.pt](http://www.lispsi.pt)

Para informações, marcações e contactos:

[lispsi@lispsi.pt](mailto:lispsi@lispsi.pt)